CLIPPING IMPRESSO

04/12/2021

comunicação & informação

I N D I C E

1. ASSESSORIA
   1.1. JORNAL PEQUENO..... 1
2. PRECATÓRIOS
   2.1. JORNAL O IMPARCIAL..... 2 - 3
3. PRESIDÊNCIA
   3.1. JORNAL O IMPARCIAL..... 4

Reproduzido conforme o original, com informações e opiniões de responsabilidade do veículo

PRECATÓRIOS

OAB pode entrar no STF contra PEC

Eduardo Gouvêa diz que alterações feitas no Senado mantém caráter de "confisco de patrimônio privado" para pagar Auxílio Brasil

O presidente da Comissão de Precatórios da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) Nacional, Eduardo Gouvêa, entende que a entidade pode entrar com Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) contra a PEC dos Precatórios, caso texto seja aprovado novamente na Câmara e vá para a sanção do presidente Jair Bolsonaro (PL).

Segundo Gouvêa, a versão da PEC aprovada no Senado Federal mantém o "confisco de patrimônio privado" para abrir brecha no Orçamento da União e pagar o Auxílio Brasil.

"O governo e o Congresso, em vez de criarem uma fonte de receita permanente para esse gasto, utilizou os recursos de terceiros, privados, de pessoas físicas e empresas, e se apropriou desse recurso para pagar o benefício. Ou seja, fazendo caridade com o chapéu alheio", explicou.

NÃO PRECISAVA DEIXAR DE PAGAR A DÍVIDA PARA CRIAR BOLA DE NEVE, DISSE GOUVEA

O presidente da comissão afirma que o Tesouro Nacional possui R$ 1.7 trilhão na conta do Tesouro Nacional e que essa verba poderia ser utilizada para pagamento dos Precatórios ou mesmo do Auxílio Brasil

"Esse recurso de R$ 1.7 trilhão que está nas demonstrações financeiras da União, no Senado e na Câmara ninguém fala disso, parece que esse dinheiro não existe. Então não se utiliza esse recurso para pagar a dívida. Não precisava deixar de pagar a dívida para criar uma bola de neve para aparecer outro. Ela não vai diminuir e a única diferença é que tiraram o Fundef não é tão relevante assim, a não ser neste ano para o estoque da dívida que vai ser criado", explicou.

Reproduzido conforme o original, com informações e opiniões de responsabilidade do veículo

CÂMARA

Lira quer fatiamento da PEC dos Precatórios

ARTHUR LIRA DISSE QUE VAI PROPOR PROMULGAÇÃO PARCIAL

Após a aprovação da PEC dos Precatórios no Senado, ontem, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), detalhou como será a nova tramitação da matéria entre os deputados. Ele afirmou que os pontos do texto que forem consenso nas duas Casas poderão ser desmembrados e promulgados ainda neste mês pelo Congresso. As demais partes, explicou, deverão tramitar normalmente pelas comissões antes de irem ao plenário da Câmara.

A PEC dos Precatórios é a aposta do governo para viabilizar o Auxílio Brasil de R$ 400, em substituição ao Bolsa Família. Segundo estimativas do Ministério da Economia, a proposta poderá abrir um espaço fiscal de R$ 106 bilhões no Orçamento de 2022. Para isso, o texto muda o cálculo do teto de gastos e adia o pagamento de parte dos R$ 89 bilhões que estão previstos para serem quitados no ano que vem na forma de precatórios — dívidas da União reconhecidas pela Justiça.

A PEC foi aprovada, ontem, em dois turnos no Senado, com placares folgados. No primeiro, foram 64 votos a 13; no segundo, 60 a 10. Esse resultado foi alcançado depois que o relator da proposta, senador Fernando Bezerra (MDB-PE), líder do governo na Casa, promoveu alterações no parecer, a pedido de vários partidos.

Em uma das mudanças, o relator deu caráter permanente ao Auxílio Brasil, que tinha vigência apenas até dezembro de 2022, conforme previa o texto originalmente aprovado pela Câmara. Bezerra também concordou em vincular todo o espaço fiscal aberto pela PEC ao pagamento do novo programa e das despesas da Seguridade Social — Saúde, Previdência Social e assistência social. Entre outras mudanças, o senador antecipou, de 2036 para 2026, a revisão do subteto para pagamento de

Reproduzido conforme o original, com informações e opiniões de responsabilidade do veículo

O livreiro surfista

LOURIVAL SEREJO
Desembargador

A imagem de um livreiro sempre vem associada à figura de um senhor idoso, pausado, que sabe tudo sobre os livros que estão à venda em sua livraria. É uma figura em extinção. A maioria dos jovens que atendem nas livrarias quase não sabem informar nada, a ponto de o freguês chegar procurando pelo livro Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda, e eles levarem você para a estante de botânica. Conheço um livreiro, aqui em São Luís, que, embora tenha os cabelos brancos, com mais de 60 anos, ainda tem o vigor de jovem capaz de ainda transformar-se num surfista, sempre que tenha oportunidade.

A livraria de Érico fica numa rua bem discreta, que desemboca na rua do Alecrim. É a Literarte, acomodada num imóvel que, até poucas décadas, era uma casa residencial com uma porta e duas janelas. É a livraria mais suja que já vi, a partir da entrada. E o livreiro está sempre à vontade, de bermuda e uma camiseta cavada. O lugar é mal iluminado e mal cuidado. Por várias vezes, já chamei a atenção dele sobre aquela sujeira. Ele promete limpar, mas passo muito tempo sem ir lá e, quando volto, está tudo igual.

Mas eu não estaria ocupando este espaço se tanto a livraria como o livreiro não tivessem algo de especial. Seria muito estranho preocupar-me com esses pequenos detalhes.

Por cima desses aspectos negativos que expus, elevam-se as qualidades que o freguês encontrará naquele ambiente: o estoque selecionado de livros e o livreiro. Do mesmo modo como ele surfa nas ondas, ele surfa nos livros. Ouso dizer que é o livreiro mais competente de São Luís. Ele sabe falar de cada livro que o freguês procura, de cada autor e o por que trouxe aquela obra para suas estantes.

Afinal, quem é o livreiro Érico Vaz Costa? Ele é filho de Valdimir Costa, dono da antiga Livraria J.C., que funcionava na Rua Joaquim Távora. Desde seu avô, a família vem explorando esse ramo de comércio. Espontaneamente ele escolheu preservar a tradição comercial da família. Não é rico, mas vive a riqueza de ser feliz na opção que escolheu para trabalhar. Érico tem uma cultura invejável, que abrange vários ângulos, inclusive a música e as artes em geral. Sua formação superior é em Economia.

E a livraria, o que oferece ao freguês? Os livros mais selecionados possíveis, tanto os essencialmente literários como os técnicos. O acervo da Literarte abrange filosofia, sociologia, literatura, artes, medicina, história etc. O expediente que Érico usa para adquirir livros é inusitado. Ele não se preocupa com os livros da onda; procura os que ele considera indispensáveis para a leitura de um aluno ou professor universitário.

Ali tem os clássicos e os teóricos necessários à grade de um mestrado ou doutorado. Livros da Edusp, da UNB, da UFMG ou outras universidades.Raramente se encontra ali um best seller. Para ele o que conta é a matéria do livro ou a competência do autor. Pesquisa na internet os lançamentos e quando descobre algum que considera essencial, trata de adquirilo para seu acervo.

Não é mesmo curiosa essa livraria? Suja na entrada, maltratada na iluminação, mas rica em conteúdo. Dirigida por um surfista realizado com o negócio que escolheu para viver a ponto de não se preocupar com lucros exagerados, embora os preços estejam permanentemente atualizados. Afinal, ele é economista.

Por todos esses detalhes, caro leitor, vale a pena conferir a experiência de visitar a livraria do Érico. Não se impressione com a entrada, procure que você achará um livro indispensável para seu gosto.

Reproduzido conforme o original, com informações e opiniões de responsabilidade do veículo

Justiça & Cidadania

Antonio Carlos Lua acarloslua@folha.com.br

O apartheid das vacinas

A imprensa internacional tem dado grande destaque a nova variante da Covid-19, chamada Ômicron, encontrada na África do Sul, capaz de muitas mutações e potencialmente resistente a anticorpos e vacinas. A Organização Mundial de Saúde (OMS) definiu a nova cepa como preocupante.

Enquanto isso, os mercados despencaram começando pelas bolsas de valores asiáticas, chegando a Europa e finalmente ao distrito financeiro Wall Street. Para os mercados, foi a pior baixa em mais de setenta anos.

Diante do que está acontecendo, o Papa Francisco pediu enfaticamente a suspensão temporária do direito de propriedade sobre as vacinas e conclamou a realização de uma ampla campanha de imunização na África.

Infelizmente, seus apelos não estão sendo atendidos e os países fabricantes de vacinas fazem ouvidos moucos.

Na África, apenas 2% da população foi vacinada. No Chade apenas 0,2%, em Madagascar 0,7%.

Para os mais de 80 milhões de habitantes do Congo, chegaram apenas 98 mil vacinas. Na África do Sul, menos de 25% da população está totalmente vacinada. A lacuna de vacinação entre os dois mundos é assustadora. Os países ricos acumularam 90% das doses. Nos países empobrecidos nem 1% da população está vacinada.

Hoje, a desigualdade fica muito mais evidente. Apesar da sua adesão ao Consórcio Covax para receber vacinas, a União Africana, que inclui 55 países com 1,2 bilhão de habitantes, conta ainda com nações sem nenhuma dose de vacina.

É inaceitável verificar que transcorridos quase 18 meses da declaração de emergência de caráter internacional as propostas de solidariedade buscadas inicialmente após debates em todos os grandes fóruns mundiais, ecoam hoje praticamente no vazio.

A pesquisa, a produção e a difusão da vacina contra o Covid-19 no continente africano poderia ter sido a grande oportunidade de realização do sonho de um destino comum para a humanidade. Infelizmente, mais uma vez, entre as belas propagandas de intenções e a dramática realidade cotidiana, nos defrontamos com o abismo da desigualdade.

O dinheiro tornou-se o gerador simbólico de todos os valores até se tornar uma condição universal para a realização de qualquer ação humanitária. Ou seja, ele deixa de ser um meio e passa a ser o propósito principal, neutralizando os bens e as necessidades humanas.

Mas nem sempre foi assim. No século XX, por exemplo, houve dois grandes médicos virologistas, Jonas Salk e Albert Sabin. Descobridores de duas vacinas contra a poliomielite (uma injetável com vírus inativado e outra oral com vírus atenuado), não quiseram patenteá-las para que pudessem ser difundidas a todos, especialmente aos pobres.

Curiosamente, os dois cientistas nunca receberam o Prêmio Nobel. Os nazistas mataram duas netas do médico Albert Sabin. Quando lhe perguntaram se sentia desejo de vingança, ele respondeu: "A minha vacina salvou muitas crianças na Europa, esta não é uma esplêndida vingança?

Por sua vez, o médico Gianfranco Morino, missionário em Nairóbi, no Quênia, disse em uma entrevista que "o cientista não é um grande homem só por suas descobertas científicas e tecnológicas, mas sobretudo por seu valor ético e humanitário". A esperança está na coragem daqueles que ousam transformar os sonhos em realidade.

Vacina

Para os ativistas e cientistas que passaram o último ano defendendo uma distribuição mais justa das vacinas contra a covid-19, a notícia de uma nova variante do coronavírus, potencialmente mais perigosa, era um desastre à espera de acontecer.

Variante

A variante ômicron foi detectada inicialmente na África do Sul, onde menos de 25% da população está totalmente vacinada. A variante é a primeira desde a detecção da delta a ganhar da Organização Mundial da Saúde o rótulo de "variante de preocupação", sua categoria mais elevada.

Ciência

O que a ciência diz desde o início é que se existe grandes populações desprotegidas com o armazenamento de vacinas impedindo uma resposta conjunta global contra a Covid-19. Enquanto quase 70% dos adultos na União Europeia estão totalmente vacinados contra a covid-19, a maioria dos trabalhadores de saúde nos países africanos não está.

Distância

A distância entre as vacinas realizadas nos países ricos e pobres ainda é muito grandes. A lacuna de vacinação entre os dois mundos é assustadora. Os países ricos acumularam 90% das doses. Nos países empobrecidos nem 1% está vacinado.

Inaceitável

Enquanto países da África ainda precisam vacinar os trabalhadores de saúde da linha de frente de combate à pandemia, países centrais já estão vacinando adolescentes e crianças e começam a discutir a aplicação de uma terceira dose ou dose de reforço, em flagrante expressão de iniquidade, desigualdade e falta de solidariedade.

Farmacêuticas

Denúncias recentes apontam que, em que pese terem sido financiadas com recursos públicos, as companhias farmacêuticas, aproveitando seus monopólios, estão cobrando preços excessivos, estimando-se que diversos países estejam pagando valores entre quatro e 24 vezes mais do que seriam os preços de custo.

Reproduzido conforme o original, com informações e opiniões de responsabilidade do veículo